

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

20 Anos do Projeto Esporte Talento (PET)

O morde e assopra paulistano

História de [Louise Mendes Bezerra](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 18/09/2015

P1 – Primeiro, boa tarde, Louise.

R – Boa tarde.

P1 – Você pode falar seu nome completo, local e data de nascimento?

R – Louise Mendes Bezerra, 19 de fevereiro de 1980, Belém do Pará.

P1 – Tá. Você pode fazer isso com o seu pai também?

R – Não (risos). Quer dizer, eu acho que eu até posso. Ángel Estevan Burgos, primeiro de janeiro de 1960, Tegucigalpa, Honduras.

P1 – E a sua mãe?

R – Cecília de Fátima Mendes Bezerra, nascida em São Luís, em dois de agosto de 1954.

P1 – Tá. Qual é a história da família do seu pai?

R – Na verdade eu só vim a conhecer meu pai no ano passado.

P1 – Entendi.

R – Eu sou filha de mãe solteira. Meu pai é de Honduras, fez faculdade em Belém do Pará, foi quando ele conheceu minha mãe. Bem, desse encontro nasci eu, mas a gente só veio a se encontrar 34 anos depois. Eu sei bem pouco da família dele.

P1 – Tá certo. E da sua mãe, então?

R – Ah, a minha mãe é maranhense, ela é filha de agricultor de subsistência, meu avô, que criou onze irmãos numa terra muito pequena próxima a São Luís, no interior do Maranhão. Ela foi, dos onze, a única a se formar, e é enfermeira. Mudou-se pra Belém muito cedo pra trabalhar e eu nasci em Belém por conta disso. É uma criatura muito forte, maranhense e mãe solteira, vocês podem imaginar que é uma combinação bem especial. É uma criatura muito admirável, gosto muito da minha mãe, acho ela uma mulher muito forte, é um exemplo muito forte na minha vida. Se um dia conseguir chegar a ser metade da mulher que ela é eu vou ficar bem feliz já.

P1 – Você falou que tem essa questão do seu pai, mas você sabe a história de como eles se conheceram?

R – Eu sei. Ela trabalhava num hospital chamado Hospital Adventista de Belém, estagiando com auxiliar de enfermagem enquanto ela fazia faculdade. E ele, por acaso, também foi trabalhar lá na área que, na época, era a área da computação. Tava começando a existir essas áreas nos hospitais. E se conheceram, através de amigos próximos, e assim foi.

P1 – Entendi. Aí, depois que você nasceu ele foi embora?

R – Depois que eu nasci ele foi embora. Eles tiveram um desentendimento, ele era um pouco mais novo que ela, então, quando ela engravidou ela quis casar e ele não quis, até porque o pai dele lá em Honduras, enfim, não aprovaria isso, ele achava. Então eles se desentenderam nesse momento. Ele ainda ficou dois anos em Belém terminando a faculdade, me conheceu quando eu tinha dois anos de idade, depois ele foi embora pra Honduras. Acho que eles mantiveram contato por carta durante os primeiros anos, assim, mas depois esse laço acabou se perdendo.

P1 – Entendi. Quando você foi crescendo você morava onde, nessa infância?

R – Morei em Belém a minha infância inteira, com minha mãe. A gente morou em algumas casas, morei numa vila quando eu era bem pequena, depois a gente mudou pra uma casa que era um pouco mais distante da cidade, mas em Belém até os 17 anos.

P1 – Entendi. Você tem irmãos?

R – Não, sou filha única.

P1 – Entendi. E qual a casa que você ficou mais tempo nesse período?

R – Eu acho que a casa em que a minha mãe vive hoje em dia lá, que é uma casa que fica numa cidade que é conurbada com Belém, que é próxima a Belém. É uma casa de conjunto habitacional que a gente herdou de um tio meu que faleceu. A casa acabou ficando pra minha mãe.

P1 – Entendi. Como é que ela é?

R – Ah, quando a gente mudou pra lá era uma casa bem simples porque era uma casa dessas de COHAB, e aí ao longo dos anos a minha mãe foi reformando e foi melhorando a casa. Eu particularmente gostava um pouco mais antes, porque quando a gente mudou a gente tinha um quintal que tinha muitas árvores frutíferas, tinha abacateiro, cajuzeiro, tinha dois coqueiros também. E com as melhorias que a minha mãe fez ela acabou tirando todas as árvores e colocando cimento em tudo.

(pausa)

R – Enfim, eu gostava mais antes da casa, que a gente tinha árvores, tinha o quintal com muita grama e tudo o mais, mas a ideia da minha mãe de melhoria é outra, então ela acabou botando cimento em tudo porque ela acha mais prático. Mas é a casa ainda em que eu identifico como a minha casa de infância, é lá.

P1 – Entendi. E você brincava muito lá nessa casa?

R – Brincava bastante, a gente tinha cachorro, então... cachorro e gato, depois gatos. Então era uma grande diversão pra mim, eu ficava bastante tempo com eles brincando, mas ao contrário das crianças do bairro ali, que brincavam muito na rua, eu nunca brinquei na rua. Isso foi uma das coisas que, ao crescer, eu percebi que foi... é uma certa falta, assim, que ficou da infância. Eu brincava muito... minha mãe era bastante protetora comigo, o que eu entendo, mas que me trouxe algumas questões, assim, eu não brincava com as outras crianças vizinhas, eu só ficava em casa, então as minhas brincadeiras eram mais introspectivas, eu era... eu brincava mais eu comigo ou os bichinhos de casa.

P1 – Você assistia TV também? Rádio, ouvia?

R – Assistia TV, não muito, eu nunca gostei muito de TV, ouvia bastante música e ouvia uns discos de história que não sei se ainda existe, mas existiu. Uns discos de de vinil coloridos com várias histórias, então eu adorava, eu ouvi até decorar cada história.

P1 – Mas que tipo de história que era?

R – Ah, contos de fadas, né, então a Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela. Aquela do ratinho que vira... o Gato de Botas, e por aí vai.

P1 – E você lia também?

R – Lia, desde cedo eu sempre fui uma... acho que até pelo fato de não ter muita companhia pra brincar, eu sempre fui uma leitora muito voraz, sempre gostei muito de ler. E minha mãe comprava muitos livros pra mim, desde muito pequena.

P1 – Alguma coisa te marcou desses livros?

R – Tem uma coleção em particular que era uma coleção que tinha uns desenhos holográficos, que é uma coisa também bem anos 80, e ela me marcou, não tanto pelas histórias, mas é que tem um episódio engraçado ligado a ela que minha família conta. Quando eu tinha uns três anos, eu tinha esses livros, eu ainda não sabia ler, mas eu já sabia o que que eram as histórias. E aí uma vez eu sentei do lado do meu avô e meu avô ele aprendeu a ler muito pouco, ele nunca soube ler, de fato. E aí eu sentei do lado dele e comecei a contar a história pra ele dos livros, e eu ia apontando os personagens e contando toda a história. Ele ficou impressionadíssimo que eu já soubesse ler com aquela idade, ficou super

orgulhoso. E levou um tempo até ele descobrir que eu ainda não sabia ler. Então essa... acabou que essa história ficou marcada e eu tenho esses livros até hoje.

P1 – Ah, legal. Então seus avós estavam acompanhando você e a sua mãe também?

R – Eu passava férias, as férias de verão, todas as férias de verão da minha infância até os catorze anos eu passei na terra do meu avô no Maranhão.

P1 – Ah, entendi.

R – Então eu passava pelo menos uns três meses por ano e às vezes a de julho também.

P1 – E o que que você fazia lá? Como é que era a cidade?

R – Não é uma cidade, é um... interior do Maranhão, assim, é próximo de um vilarejo minúsculo, mas é um sítio, né, uma fazenda pequena. Normalmente quando eu estava lá os meus primos também estavam lá, eu tenho muitos primos de primeiro grau. Eu era a mais nova, então, assim, eu não era incluída em todas as brincadeira, mas em algumas eu era. A gente brincava de pique-esconde, brincava de subir em árvore, brincava muito de colher fruta, que é uma lembrança que eu tenho muito forte de lá. Mas eu acho que mesmo lá eu brincava também bastante sozinha.

P1 – Entendi. E como é que era o bairro em que você morava, perto de Belém?

R – Ah, é um bairro pobre, na periferia da cidade. Ele é distante, assim, na época a noção que a gente tinha era que ele era ainda mais distante, hoje em dia, com o crescimento da cidade ele não ficou tão longe assim. Mas era um bairro bem pobre, tinham poucas opções de transporte, tinha raríssimas opções de entretenimento, acho que não tinha nada que eu consiga lembra agora. Tinha uma pracinha com uns brinquedos, assim.

P1 – Entendi. E a escola, qual foi a primeira escola que você frequentou?

R – Antes da gente mudar pra esse bairro, que era periferia, a gente morou alguns anos numa região mais central da cidade, e eu comecei a estudar quando a gente morava ali. E a primeira escola que eu frequentei era, literalmente, do lado da minha casa e chamava-se Centro Nipônico de Educação. Era um centro que foi fundado por... em Belém tem muitos japoneses, muita gente de ascendência japonesa. Então eles fundaram um colégio, que inicialmente era só pros filhos japoneses, mas depois eles abriram, eu comecei a estudar lá. Era um coleginho bem pequeno, era de primeira a quarta série e só tinha quatro séries, quatro turmas, então eu fiquei lá de primeira a quarta série.

P1 – E qual a primeira lembrança que você tem de lá?

R – De lá?

P1 – É.

R – Ah, eu acho que a minha professora, a primeira, a professora Maria, que era uma pessoa muito, muito doce, mas que me marcou por um motivo muito bobo, ela era muito peluda, ela tinha um bigode, ela tinha uma perna muito peluda e aí sempre que eu pensava nela eu ficava: “Gente, como pode ela ser tão...” Eu fiquei meio assim, chocada. Isso, hoje em dia, volta às vezes, quando eu tenho uma reflexão de porque que a gente tem que se depilar e tal, eu fico pensando: “Nossa, a Maria era muito vanguardista, cara. (risos) Ela não estava nem ligando. Estava tendo discussões que hoje em dia o pessoal tá tendo, sabe?” Além disso eu gostava muito do colégio, tinha um jardim muito bonito na frente, um jardim nipônico, super bem desenhado, cuidado, com lagunho, com peixes, então eu curti bastante isso também.

P1 – Deixa eu te fazer uma pergunta. Por que que tem muito japonês no Pará? E tinha muito japonês na escola também?

R – Acho que na escola não tinha tanto. Eu nunca estudei a fundo isso, mas eu sei que teve uma onda, uma das ondas de imigração pra cá e eles foram parar lá em Belém porque tinha um porto próximo ali. Belém tem um rio que banha a cidade, que é o rio Guamá, que é um afluente do Amazonas, e está bem próximo do mar, está bem assim no cantinho ali do Brasil. Então eu acho que foi meio por isso que eles foram parar lá em algum momento. Eu tenho alguns amigos de Belém que são filhos de japoneses e realmente é uma coisa que eu não sei explicar porque que isso aconteceu lá, exatamente. Mas tinha bastante. Quando eu era criança eu acho que esse número... essa influência já tinha diminuído, já tinha espalhado e por isso eu acho que a escola abriu pra não-japoneses começarem a estudar. Mas tinham alguns, não tinham muitos.

P1 – Entendi. Nessa época, nessa escola, você gostava de esporte? Praticava alguma coisa?

R – Então, eu tive... eu fui diagnosticada com uma doença chamada púrpura, quando eu tinha acho que uns quatro anos de idade, e é uma doença que, se você se machuca, se alguma coisa encosta um pouco mais forte em você, você fica roxa. É uma deficiência de coagulação, é um problema circulatório. E a minha mãe, por coincidência ou não, eu não sei até que ponto isso foi bom, a minha mãe é enfermeira, hematóloga, especialista em sangue, então ela ficou meio apavorada com essa notícia. Enfim, foram tomados todos os cuidados comigo, mas eu não podia fazer atividade física de nenhum tipo de impacto e não pude, até os meus dez anos. Então isso também foi uma coisa que me limitou um pouco. Na escola eu, obviamente, desobedecia na hora do recreio, brincava e corria, tudo o mais, de vez em quando me machucava e aí era um escândalo, as professoras ficavam: “Você não pode correr nã nã nã,” Mas, por exemplo, educação física eu não podia fazer porque eu tinha um atestado e a minha mãe conversava com o professor e falava: “Olha, ela não pode, tal.” Então era uma hora em que eu ficava lendo, provavelmente.

P1 – E depois do Centro Nipônico você foi estudar aonde?

R – Depois do Centro Nipônico, na quinta série, eu fui pra um outro colégio. A minha família, boa parte dela, minha mãe inclusive, é adventista do sétimo dia, que é uma religião evangélica. E os adventistas tem um colégio grande em Belém, que é um colégio de quinta a oitava série, e aí depois eu fui pra esse colégio. Que era um colégio... esse já era um colégio maior, tinham várias turmas da mesma série. Foi um momento de estranhamento pra mim, porque eu estava acostumada com a coisa muito pequenininha, e aí cheguei lá e era muita gente, os professores não conheciam mais todo mundo, já não tinha mais aquele contato tão próximo. Foi uma adaptação, assim.

P1 – Sei. E o que mudou, nessa época, que você fazia de lazer? Você passou a fazer coisas diferentes com esses novos amigos aí?

R – Nessa época não tanto com os amigos do colégio, mas porque foi a época em que eu fui liberada pra fazer um pouco mais de atividade física, eu ganhei uma bicicleta. Aí eu aprendi a andar de bicicleta e eu andava de bicicleta por tudo que era canto que eu podia andar. Isso era a minha grande diversão, a bicicleta e a música. Eu andava com um walkman pra cima e pra baixo, que era aqueles walkman de fita cassete, sabe? Então eu andava com uma mochila que fazia um barulho assim 'tac tac tac', porque eu tinha umas vinte fitas, eu não consegui andar só com uma. Isso e a bike era a grande diversão e foi assim até uns treze, catorze anos.

P1 – E o que você ouvia nesse walkman?

R – Eu gravava coisas da rádio. Aí é muito engraçado porque eu até tenho algumas fitas hoje em dia, apesar de eu não ter mais o mesmo tocador, porque a maioria das minhas músicas terminava com um pedacinho da vinheta da rádio, então terminava com um pedacinho assim: 'prsssszzz', sabe? Uma coisa cortada, assim. Eu ouvia o que tocava na rádio, isso era transição dos 80 pro 90, eu ouvia Madonna, ouvia The Cure, ouvia Legião, muito Legião Urbana. Acho que brasileira eu lembro de Legião, Nenhum de Nós, alguma coisa de Caetano.

P1 – Entendi. Nessa escola teve algum professor que te marcou? Nessa escola adventista?

R – Sim, sim. Eu tive dois professores que me marcaram bastante: uma na quinta série e outro na sexta série. Os dois, não por coincidência, de história, que acabou vindo a ser a minha formação. A professora Betânia, na quinta série, ela foi a primeira pessoa que falou sobre capitalismo pra gente, explicou o que era uma linha de produção, explicou o que era a exploração do trabalho. Eu acho que ela era de esquerda porque, hoje em dia, quando eu lembro a explicação dela era um explicação bem tendenciosa, sabe? Um pouco militante. Isso foi uma coisa que me marcou profundamente, profundamente. A partir desse dia eu comecei a ter discussões em casa, inclusive com a minha mãe, perguntar muitas coisas que vieram dessa conversa. E depois o Cassiano Mignone (?), na sexta série, também professor de história, também de esquerda e que também fazia muito... abria muito pra gente... não era apenas uma aula de conteúdo, ele abria muito pra gente discutir, tentar entender porque que as coisas aconteciam da forma que aconteciam, trazer coisas do nosso dia a dia, do dia a dia das famílias. Então foram dois professores bem especiais.

P1 – Nessa época você já tinha alguma coisa que você queria ser quando crescesse? Tinha um sonho?

R – Nessa época eu queria ser médica. Boa parte da minha família trabalha na área de saúde, minha mãe é enfermeira, tenho alguns primos médicos, tem farmacêutico, dentista, fisioterapeuta, o que você quiser lá tem. E aí eu achava que era esse, mais ou menos, o caminho. Minha mãe incentivava bastante, eu já teria mais ou menos uma rede de apoio pra começar a trabalhar, por ter já muita gente nessa área lá em Belém, então me parecia meio que um caminho óbvio. Isso só foi mudar lá pelo segundo grau, quando eu me encantei pela área de humanas.

P1 – E na sua casa, você falou que a sua mãe é adventista, né.

R – Uhum.

P1 – Você também ia na igreja? Ela te levava?

R – Eu ia. Eu fui à igreja com ela até os meus 16 anos, um pouco antes de eu sair de Belém.

P1 – Aí você não quis mais frequentar depois?

R – Na verdade eu fui à igreja por muito tempo por consideração com a minha mãe e por respeito. Nas famílias maranhenses o respeito é uma coisa muito importante, aos mais velhos, então a gente aprende isso desde muito cedo. Mas eu já não me sentia pertencente à igreja desde muito criança, eu tinha questionamentos muito sérios. Tem uma história que a minha mãe conta que eu acho super engraçada, que eu tinha uns seis, sete, virei pra ela um dia, aos prantos, falei: "Mas mãe, as crianças chinesas vão morrer todas, porque elas não conhecem a igreja adventista. O que que vai ser? São muitas crianças!" (risos) Eu não sei como que eu tava lendo alguma coisa sobre a China e me veio essa ideia na cabeça. Então eu tinha essas inquietações com a questão que eu considero até hoje um pouco excludente da religião desde muito cedo. Me incomodava isso de você dizer que: "Não, se você não fizer isso aqui você não vai ser salvo, ou você não vai ter a bênção de deus ou o que seja." Isso sempre me incomodou. E os professores esquerdistas que atravessaram meu caminho acho que agravaram tudo isso.

P1 – Depois dessa escola você foi pro ensino médio, né?

R – Depois dessa escola eu fui pro ensino médio e aí fui pra uma escola ainda maior e uma escola não-religiosa, chama Colégio Ideal. É um colégio que tinha, não sei como é hoje em dia, mas tinha na época a fama de passar de... de aprovar muita gente no vestibular, então, como a intenção

nesse momento era de que eu fizesse medicina, a minha mãe me colocou no colégio que aprovava mais gente na cidade em medicina, que era um colégio super disputado, tinha turmas especiais e tudo o mais. E eu entrei... nessa época se dividia, lá em Belém, se dividia... a partir do momento em que você entrava no primeiro ano do segundo grau você tinha que escolher entre ciências Biológicas, ciências Exatas ou ciências Humanas, pra já estudar com ênfase nas matérias que eram mais difíceis pro seu vestibular. E eu entrei nas ciências Biológicas, meu primeiro ano eu fiz o primeiro ano em ciências Biológicas.

P1 – Como é que era as salas? Você conheceu pessoas novas? Foi diferente, assim?

R – Foi, de certa forma, foi o momento em que eu comecei a realmente me soltar mais porque eu acho que eu já não tinha ali essa coisa da religião e de ter muita gente de uma comunidade religiosa à minha volta. Eu pude, de certa forma, me reinventar e descobrir um pouco o que eu queria fazer. Eu fiz muitos amigos, eu fui chefe de turma no primeiro ano logo, eu ajudei a fundar o grêmio do colégio, eu passava praticamente o dia todo no colégio. Eu fazia parte do grupo de teatro, eu fazia parte do grupo de música, eu cantava. Só não fazia esporte, isso é uma coisa que você tem que começar muito cedo, eu aprendi (risos). Mas eu participava bastante da vida cultural do colégio. Ee gostava, ficava a maior parte do meu dia lá, foi o momento em que eu comecei a perceber outras competências, outras habilidades que eu tinha, especialmente sociais, de falar em público, de me colocar mais.

P1 – Sei. E Belém ajudava nisso? Como que era a cidade na época?

R – Ah, uma cidade média, uma cidade, hoje em dia muito violenta, na época era pouco violenta. Então tinha sempre uma preocupação muito grande da minha mãe de eu estar circulando na cidade, especialmente quando eu saía mais tarde do colégio, que às vezes eu ficava até a noite lá no grêmio, tal, saía. Então eu sempre tinha um pouco dessa preocupação. Por sorte eu tinha essas áreas seguras, então eu ia pro colégio ou eu estava no conservatório, porque eu estudei música também durante um tempo. Então eu não circulava muito na cidade, no máximo às vezes eu ia pra praça com os amigos no domingo. Mas a maior parte do tempo eu estava dentro de uma instituição que me protegia, digamos.

P1 – Você falou que você fez música, tal. O que mais você fazia de lazer, pra se divertir, nessa juventude?

R – Nessa época do colégio já do segundo grau, ali, pré-adolescente ou adolescente, eu fazia música, eu tocava no colégio, cantava com uns amigos e o teatro. Teatro, nessa época, tomou uma grande parte da minha vida porque foi onde eu consegui conjugar duas paixões, eu lia e eu interpretava, então eu consegui dar mais concretude pra várias peças que eu já tinha lido, várias coisas que eu já tinha lido até aquele momento, que eram do teatro. Então o teatro foi uma grande parte do meu lazer, da minha diversão.

P1 – Você ensinou alguma coisa? Alguma peça te marcou nessa época?

R – Algumas, mas o que me marcou mesmo, tem uma peça que é de um brasileiro que agora me foge o nome, que chama Bailei na Curva. Essa peça é uma peça dos anos 70 e ela fala um pouco do regime da ditadura, ela fala um pouco dos presos políticos, dos desaparecidos. Eu lembro que isso foi uma coisa que me marcou bastante, sabe? Trabalhar com estes temas. Tinha as músicas do Chico na peça, é uma peça que até hoje eu lembro vários pedaços dela.

P1 – Entendi. E nessa época começou algum romance, algum namoro, algo assim?

R – Ah, eu sempre fui muito romântica, acho que até a coisa de ler muito, né, era muito fantasiosa também. Agora, na época do colégio eu era apaixonada por um... pelo cara que era o chefe de turma. Porque era uma menina e um menino, então ele era o chefe de turma e eu era a chefe de turma e a gente acabou indo fundar o grêmio juntos. E eu era apaixonada por ele, mas quando eu me declarei ela falou que só me via como amiga, aí fiquei, obviamente, arrasada, arrasada, mas depois eu acho que superei isso. Hoje em dia acabamos nos tornando bons amigos, somos muito amigos até hoje, inclusive. Mas que eu lembre de mais marcante acho que foi ele, foi.

P1 – Entendi. E no final do ensino médio você já pensava em prestar vestibular? Como é que foi?

R – Em parte por conta desse amigo, dessa paixão, quando terminou o primeiro ano eu mudei pra humanas, então no segundo ano eu entrei em humanas.

P1 – Mas ainda no mesmo colégio?

R – No mesmo colégio, eu só mudei de área, pra infelicidade da minha mãe. Na época, a intenção era fazer direito e eu fui com isso na cabeça até o final, até o terceiro ano. Eu fiz só o segundo ano nesse colégio e depois eu mudei pro Rio, eu fiz o terceiro ano no Rio de Janeiro já.

P1 – Mas você se mudou com a sua mãe?

R – Não.

P1 – Como é que foi?

R – Eu tinha uma tia que morava no Rio de Janeiro, fui passar férias lá quando eu tinha quinze anos e aí, depois de um tempo, ela foi a Belém e pensou: “Ah, e se você fizesse faculdade no Rio?” Eu achei legal a proposta. Tinha um lado meu que também queria fugir mais dessa coisa do controle familiar, da questão religiosa que sempre foi muito pesada pra mim. Então eu pensei: “Ah, o Rio é uma oportunidade pra isso.” E aí eu fui

pro Rio, fiz o terceiro ano lá e aí, já durante o terceiro ano, eu comecei a mudar de ideia em relação a fazer direito, mas eu ainda fiz vestibular pra direito e... fiz pra direito em duas universidades e pra história em uma. Aí eu passei pra direito em uma e pra história em outra e fiquei ali, aí na hora de decidir eu decidi por história.

P1 – Entendi. E foi difícil o vestibular, as provas?

R – Foi, foi bem difícil, foi bastante difícil. Até porque a minha mãe me deu todo apoio pra eu ir pro Rio, mas falou o seguinte: “Olha, eu não tenho condições de bancar você lá e ainda, além disso, pagar uma faculdade particular. Então, se você não conseguir passar pra uma universidade pública, você volta pra Belém.” Então eu só tinha três opções, que eram as públicas, mas públicas são mais concorridas. Mesmo a de história, que eu fiz na Federal Fluminense, tem uma fama muito boa o curso lá, então tinha muita gente prestando. A relação candidato/vaga eu não me lembro qual era, mas não era pequena. Eu passei em centésimo, de 100 vagas, mas passei.

P1 – Eu vou voltar um pouco, antes de entrar na faculdade. Eu queria perguntar pra você como é que era o Rio de Janeiro quando você chegou. Onde você foi morar? O que você achou da cidade? O que você descobriu de lá?

R – Ah, desde a primeira vez que eu cheguei no Rio de Janeiro eu fiquei encantada, acho que como qualquer pessoa que chega à primeira vez no Rio de Janeiro. Mas tinha uma coisa que me surpreendia mais e que até hoje me deixa meio surpresa ou, sei lá, embevecida, que é o relevo da cidade. Belém é uma cidade plana, o Maranhão, que era o outro lugar pro qual eu sempre ia é plano, então você sobe num prédio e você vê a cidade inteira. E aí, desde a primeira vez em que eu cheguei no Rio, e eu fui de ônibus de Belém pro Rio, porque na época o avião era muito caro, então eu fui de busão. Eu fiquei muito impressionada com essa mudança da paisagem, o surgimento dos morros e os túneis. A primeira vez em que eu entrei num túnel eu nunca vou esquecer a sensação.

P1 – Como é que foi?

R – Ah, eu fiquei muito chocada com o tamanho da coisa, com o tamanho do morro e com a capacidade humana de construir uma coisa que cortasse aquilo, então eu fiquei muito impressionada mesmo. Eu me apaixonei pelo Rio atravessando um dos túneis, que é o elevado do Joá, é um túnel assim. Porque eu acho que a gente foi... não sei, acho que o meu tio me levou pra Barra da Tijuca pra me mostrar alguma coisa lá e na volta a gente voltou pelo elevado do Joá e estava uma lua linda batendo no mar, em São Conrado, então era uma paisagem maravilhosa. Quando eu olhei aquilo ali eu falei: “Nossa, to apaixonada por esse lugar.” Mas pra além disso, essa é a parte mais turística. Os meus tios moravam na Tijuca, que é um bairro da zona norte do Rio, não fica ali na área da praia, e que tem algumas características muito específicas.

P1 – É?

R – É. As pessoas são muito... a Tijuca é o único bairro do Rio que tem nome pra quem nasce lá, isso já fala alguma coisa. Quem nasce na Tijuca é tijucano, você não tem isso em nenhum outro lugar do Rio, um batismo pra você nascer no bairro. Então você encontra pessoas que são muito pertencentes a esse lugar que, apesar de ser zona norte, que às vezes é olhado com preconceito pela zona sul, eles se sentem muito orgulhosos de estar ali. Então eu conheci muita gente, donos de lojas, de estabelecimentos que estavam ali a 40, 50, 60 anos, quando o negócio estava sendo construído ainda, quando não tinha metrô. Então eu ouvi muitas histórias também dessas pessoas de lá, é um bairro pelo qual eu tenho muito carinho.

P1 – Ah, é? Que histórias você ouviu de lá, desse pessoal?

R – Ah, tinha o seu Edésio, que era uma figura. A gente morava... a minha tia morava e eu depois vim a morar com ela em frente a uma praça que se chama Praça Afonso Pena. Nessa praça tem umas mesinhas onde ficam uns senhores jogando sueca e eu aprendi a jogar sueca com alguns desses senhores. Se vocês já jogaram sueca alguma vez, é um jogo de cartas que lembra um pouco o truco. Eles ficavam literalmente o dia inteiro discutindo futebol, política e jogando sueca. E aí, não sei porque cargas d'água, eu e minha prima acabamos indo lá algumas vezes e começamos a conversar com eles. Aí eles contaram pra gente de quando aquilo não existia, contavam muitos causos, um deles tinha trabalhado com o Jango, então tinha algumas histórias dele de bastidor, de como era o Jango. Anequitas, assim.

P1 – E você tava morando com quem lá? Com seu tio?

R – Com a minha tia, irmã da minha mãe.

P1 – E tinha sua prima também, é isso?

R – É, minha é casada com o meu tio e tem três filhos, duas meninas e um menino.

P1 – Você morou com eles então?

R – Morei com eles.

P1 – Eles são da mesma idade que você?

R – A minha prima mais nova é um pouquinho mais velha que eu só, meses, acho que ela foi um dos grandes motivos pra eu ter ido porque a minha tia, na verdade, queria que eu fosse pra lá pra ajudar ela a ser menos tímida, minha prima sempre foi muito tímida. E eu era mais

comunicativa, até por conta de todo esse processo do teatro e de estar estudando em um colégio maior, que me ajudou com isso. Então acho que a minha tia viu como uma oportunidade de fazer a prima sair um pouco mais da concha. Funcionou, acho que até demais (risos).

P1 – Por que você acha isso?

R – Ah, porque quando eu cheguei, depois a gente começou a sair mais e aí a gente tinha, sei lá, 18, quando eu cheguei eu acho que eu tinha 17, mas aí pra fazer os 18 a gente começou a sair pra balada, que no Rio é night, então a gente ia pra night, voltava super tarde, às vezes bêbada. Então eu acho que funcionou bem, mas minha tia já deve até ter pensando, em algum momento: “Mas será que não foi demais?” (risos). Mas era divertido, minha prima é muito companheira e é uma amiga muito próxima ainda hoje.

P1 – E onde é que as pessoas iam pra night no Rio, nessa época, pelo menos você?

R – Nessa época a gente ia muito pra Barra da Tijuca porque era um.. tinha muitas boates lá, tinham algumas festas, algumas coisas assim, e pra gente, de certa forma, era um pouco mais próximo porque a gente só tinha que atravessar uma serrinha que divide a Tijuca da Barra, ao invés de dar a volta pra zona sul. Acho também que tinha um pouco de preconceito com a zona sul, sabe?

De não ir pra lugar onde os tujucanos também não são bem vistos. Na Barra eu acho que a gente se sentia um pouco mais à vontade, apesar de ninguém da família ser do Rio de Janeiro, mas os meus primos cresceram lá, então abraçaram um pouco essa identidade.

P1 – Entendi. Quero te perguntar duas coisas: a primeira, quando você chegou lá, teve alguma dificuldade com os cariocas ou algum estranhamento por cultura ou por sotaque ou qualquer outra coisa?

R – Sotaque sim, inclusive eu acho que eu perdi o meu sotaque, em parte por uma característica minha de perder o sotaque, mas também por conta de muitas brincadeiras no colégio porque quando eu cheguei no Rio eu ainda falava 'tu queres', 'tu podes', ou seja, conjugava a segunda pessoa corretamente. E o carioca fala 'tu quer', 'tu pode', 'tu vai'. Então eles realmente me zoavam muito por causa disso, mas muito, muito. E eventualmente eu parei totalmente de usar a segunda pessoa, simplesmente, vou usar 'você', falei: “Tá bom.” E perdi o sotaque, perdi um pouco do cantado que eu tinha. Mas eu acho que eu não estranhei tanto porque eu tenho a impressão, até hoje, de que os cariocas tem um jeito muito parecido com os paraenses. Isso é bom e ruim. Então eles são muito abertos, eles são receptivos, comunicativos e também são um pouco intrometidos, os limites eles são mais tênues, da privacidade. Eu sei que aqui em São Paulo é completamente diferente. E o paraense é também assim, ele gosta de receber as pessoas em casa, fala alto, é expansivo. Então combina um pouco com o carioca, eu não tive muito estranhamento. Mudar pra São Paulo foi mais estranho do que ir pro Rio.

P1 – Outra coisa: você frequentou o carnaval lá, quando você chegou?

R – Então, quando eu cheguei não. Minhas primas não eram de carnaval, nem meu primo. Tem toda a questão da religiosidade, né, da família que vai um pouco contra o carnaval, então até os meus... e depois, mesmo quando eu parei de morar com eles eu não me interessei muito pelo carnaval, não sei, acho que eu tinha uma imagem ruim mesmo, de uma festa pagã um pouco suja. Mas depois mais velha, quando eu tinha acho que 24 anos, foi a primeira vez que eu fui num carnaval eu me encantei e nunca mais saí. Hoje em dia eu toco em dois blocos (risos).

P1 – Como é que foi essa descoberta então?

R – Eu viajei muito durante os primeiros carnavais que eu passei no Rio, durante o carnaval eu viajava, saía, ia pra serra, ia pra praia, cachoeira, praia. E aí, com 24 anos, eu tinha terminado um namoro e tava meio de boabeira e uma amiga, que gostava muito de carnaval, falou: “Fica, vamos pra carnaval, vai ser bom.” Eu falei: “Será? Tá, vou ficar. Qualquer coisa eu não vou pro carnaval, vou ao cinema, tudo bem.” E fiquei e ela me levou num bloco chamado Céu na Terra, que hoje em dia é um bloco insuportável, impossível, mas que na época estava começando, então era um bloco ainda pequeno que você conseguiu ficar perto da bateria do bloco, o bloco sai com muitos metais. E nesse dia a gente foi super cedinho, sábado de manhã, e tinham muitas crianças e muitas famílias, sabe? Então senhores e senhoras, pai, mãe, criançada fantasiada brincando. E aí eu aprendi que é uma festa que pode ser uma festa na verdade muito bonita e muito familiar e muito lúdica. Aí eu apaixonei, mas apaixonei por esse carnaval, pelo carnaval de manhãzinha, com a brincadeira, com a criançada. Eu acho que... até hoje eu digo que bloco bom, festa boa de rua é festa que tem criança.

P1 – Legal. Passando agora pra UFF. Como é que foi entrar lá? Como é que era quando você entrou?

R – Ah, acho que a decisão de não fazer o direito e fazer a história foi uma coisa que, até pra mim, foi uma coisa inesperada, foi um pouco assim.. eu me surpreendi, mas depois que eu decidi isso eu comecei a me sentir muito feliz e confortável com a ideia de trabalhar com a história, entendeu? Lembrando, inclusive, desses professores que me marcaram, que eu tenho alguns professores de história que foram muito marcantes pra mim. A UFF tem uma característica que é muito legal, é uma... é como aqui a USP, esse campus assim aberto, muito verde com gramados, então a gente estudava no Gragoatá, que é um campus que fica na ponta da Baía de Guanabara com vista pro Rio. Era uma delícia. No primeiro semestre, quando eu ainda não trabalhava junto com a faculdade, a gente fazia algumas aulas que eram à tarde, tínhamos intervalos grandes entre as aulas, então eu levava normalmente uma manta, a gente botava a manta assim no gramado e ficava deitado no gramado lendo, sabe? Então é um jeito de estudar que é muito gostoso, é muito diferente de você estudar... eu não tive essa experiência, mas tenho amigos que tiveram, de estudar numa universidade que é um prédio, você chega no prédio e sai do prédio. Então lá você tem toda uma área de convivência, de confraternizar mesmo, e muito verde, muita beleza. O que às vezes era meio distração, às vezes quando a aula estava chata a gente olhava pra janela e tava aquele céu lindo, aquele mar e pensava: “Ah, vou pra praia. Que aula chata!” Mas foi muito bom essa parte. Tinha também a aventura que era chegar na UFF porque no começo eu não tinha carro, então tinha que sair da Tijuca, pegar o metrô, descer do metrô, andar até as barcas, pegar a barca. Eu lembro a primeira vez que eu peguei a barca eu achei incrível. Nessa época a Baía estava um pouco menos suja,

então, muitas vezes de manhã, quando a gente estava na barca, a gente via golfinho nadando, então uma coisa incrível. Aí depois andava dois quilômetros até chegar na faculdade, às vezes no sol. Então era assim, chegar lá também tinha um que de aventura. E todo o aprendizado, foi uma delícia, eu acho que... eu sempre gostei muito de ler e história é uma faculdade que você lê muito. Esses dias eu estava lembrando do primeiro texto que nos deram pra ler em antropologia, que foi um texto muito marcante pra mim, que se chama "Os Nascirema", que é uma brincadeira com os americanos, na verdade. É um texto que fala de etnocentrismo, então ele vai descrevendo um povo primitivo que é um povo que passa lâminas no rosto, que tem uma caixa mágica com poções que guardam durante anos e anos, mesmo que as poções não valham mais. E vai escrevendo assim, com uma carga bem dramática, e quando você chega no final você percebe que somos nós, que somos os ocidentais, com todos os hábitos esquisitos que temos. Então esse foi um negócio que me marcou bastante. Não tive muita dificuldade com os estudos, com tudo porque realmente eu gostava muito de ler e eu já gostava de problematizar as coisas, de perguntar, de questionar, então eu encontrei ali um lugar ideal pra fazer isso, onde eu podia e era incentivada a fazer isso.

P1 – Como é que era o curso? Tinha alguma matéria que você gostava mais? Algum professor, professores, professoras?

R – Eu gostei de vários professores durante a faculdade, eu acabei escolhendo um campo de estudo do qual eu até me arrependo hoje em dia, mas que na época me encantei por conta de um professor que era sensacional, que já faleceu, deus o tenha, Rogério Ribas. Eu acabei estudando medieval, me especializei no medievalismo, em arte medieval, que é uma coisa que vocês podem imaginar que eu realmente não uso muito no meu dia a dia, né, hoje em dia. Mas na época eu me apaixonei, quis estudar isso, quis me aprofundar e foi a linda de estudo que eu escolhi. Acho que se eu voltasse, hoje em dia, eu escolheria uma coisa como América Latina e Política, mas eu não me arrependo, acho que de uma forma ou de outra isso construiu o que eu vim a ser.

P1 – Entendi. E como é que eram os seus colegas? Viraram amigos, né. Como eles eram? Como era as pessoas?

R – Curiosamente eu não tenho muitos amigos da faculdade, apesar de ter tido colegas muito legais, sensacionais. Depois do segundo ano eu comecei a trabalhar e aí, do meio do segundo ano em frente, eu tive que mudar de horário, eu fui pra noite porque eu precisava trabalhar de dia, não consegui conciliar. Aí a vida ficou puxada, então eu não conseguia vê-los muito. Eu tenho, hoje em dia, da faculdade uns cinco amigos, que são muito queridos. A maioria não trabalha com história também, foi pra outro campo, mas também tenho muito desses valores, do questionamento, da investigação e dum inquietação social que acho que foi... tanto que nos levou até a história e que a gente saiu de lá com isso mais forte.

P1 – Você foi trabalhar onde, quando você começou, lá?

R – Eu fui trabalhar num lugar que chamava ABRASPA, que era uma Associação das Empresas de Capital Aberto, já nem lembro mais. Eu fui começar a trabalhar como estagiária, era uma coisa mais por causa da grana, eu precisava... nessa época a minha mãe ficou um pouco apertada, ela não tinha, eu queria mais coisa, eu queria morar só, eu queria, enfim, crescer, começar a dar passos. E aí a solução foi eu começar a trabalhar. E aí era um estágio administrativo, eu ajudava com toda a parte administrativa, financeira, de atendimento aos clientes, de atendimentos às empresas que faziam parte da associação. Trabalhei lá durante dois anos, eu acho.

P1 – E depois você terminou a faculdade, foi?

R – Sim. Aí, quando eu terminei eu já tava trabalhando em outro lugar.

P1 – Onde que era?

R – Eu fui trabalhar numa assessoria de imprensa chamada Monte Castelo, lá no Rio, que era de um pai de uma amiga minha. Eu já me interessava por comunicação e eu já sabia nesse momento, no final da faculdade, que eu não queria entrar no mundo acadêmico, que eu não queria seguir na academia como pesquisadora ou emendar o mestrado. Isso não me interessava. Então eu comecei a pensar: "O que eu posso fazer com história que não seja estar dentro desse mundo acadêmico?" E aí a comunicação surgiu como uma possibilidade porque eu tinha alguns amigos jornalistas, aí essa amiga falou: "Olha, meu pai tem uma assessoria de imprensa, eu vou ver se ele está precisando de alguém." Tava, e aí eu entrei lá na assessoria de imprensa inicialmente eu era a secretária de redação, então eu fazia a produção pra todos os clientes, todas as pessoas que atendiam, e depois eu fui trabalhar no conteúdo, depois eu fui trabalhar na parte institucional, com o passar dos anos. Eu fiquei lá quase quatro anos, já bem depois de ter formado.

P1 – E como é que era esse trabalho? Era cansativo? Era gostoso?

R – Era gostoso, especialmente no começo, porque eu estava aprendendo muita coisa. Também fez muito parte da minha formação porque a gente trabalhava com empresas e políticos, então eu via muita coisa de bastidor político, como o que? Como que são os políticos na vida real, quando eles estão falando com alguém que eles se sentem à vontade, que eles estão ali dentro de uma sala de reunião segura e como é o discurso quando eles estão na frente da câmera. Isso foi um choque, claro, porque vocês podem imaginar que as coisas nem sempre são... nem sempre é o mesmo discurso, né, dentro e fora da sala, mas a gente tinha que trabalhar com isso e trabalhar defendendo aquele posicionamento externo. Então a gente tinha que formar a imagem deste deputado, candidato, governador, então a gente tinha que trabalhar isso e bem, fazer isso de forma que realmente conseguisse convencer, que a gente tivesse geração de mídia. Isso foi um grande aprendizado, mas também foi o que me tirou de lá. No final eu já tinha muitas questões éticas que me incomodavam muito, eu falei assim: "Não dá, assim, sabe? Pra você ficar..." Quer dizer, não dá pra mim, né, não sei pros outros, mas não dava pra mim ficar defendendo os caras, sei lá, do nível do jornal ligar e falar: "Olha, fulano está envolvido no dossiê tal." que foi divulgado pela imprensa: "Qual o comentário?" E você tem que falar todo uma... fazer toda uma cena e dizer: "Não, isso não é bem assim, tudo o mais.", sabendo que era assim. Então eu acho que isso foi o que me tirou de lá, mas ao mesmo tempo me deu um belo

conhecimento porque é muito importante quando você trabalha, especialmente agora trabalhando no terceiro setor, eu percebo o quão importante é lidar com a imprensa, saber comunicar e saber comunicar em tempos de crise, tempos em que as coisas são difíceis e que as perguntas são difíceis.

P1 – Você tem algum caso que você queira falar pra gente? Não precisa falar nome de ninguém, mas que te marcou nessa assessoria?

R – Tem, que foi perto da época de eu sair. Vocês tem que cortar o nome da assessoria, tá, gente. (risos) Foi perto da época de eu sair, uma vez conversando com o meu chefe a gente falou alguma coisa sobre essa questão... tinham descoberto o dinheiro na cueca do Marcos Valério, foi nessa época. Aí ele falou: “Isso não é nada, eu já viajei com mala de cem mil, de duzentos mil, de trezentos mil. E eu sou peixe pequeno, eu não sou um cara que leva muito dinheiro.” Aquilo... eu fiquei olhando, falei: “Gente, como assim isso não é nada? Como assim?” E aí acho que foi um ponto grande de questionamento, sabe? Me desmotivou muito. E aí foi, de certa forma, foi... às vezes a gente decide antes e o corpo começa a decidir por nós, né, antes da cabeça realmente falar: “Não, é isso.” Eu comecei a ficar muito desmotivada e eu comecei a realmente fazer as coisas de qualquer jeito, meu rendimento caiu, minha produção caiu, a qualidade do meu trabalho caiu. Aí eventualmente eles vieram conversar: “Então, tá, vamos sair. Tchau.”

P1 – Mas e depois disso, o que você foi fazer?

R – Depois disso eu pensei: “Eu quero então trabalhar numa empresa maior, com comunicação, né, e construir uma carreira corporativa.” Minha mãe ficou muito feliz inclusive, quando eu falei isso pra ela, ela falou: “Era isso que eu queria ouvir.” Porque a minha mãe é da geração de grandes carreiras, ela ficou 26 anos no mesmo lugar trabalhando. Então eu fui trabalhar numa multinacional na área de petróleo, que chama Geokinetics, é uma multinacional da geofísica, que é primeira coisa na cadeia de produção do petróleo. São os caras que vão lá e descobrem se tem ou não petróleo naquele terreno, eles só fazem isso e depois eles falam: “Tem” ou “Não tem” e aí as empresas que exploram vem. Eu fiquei trabalhando com eles durante três anos, foi muito bom, também aprendi muito, muito lá, fui promovida três vezes nesse tempo, estruturei o departamento de comunicação lá no Rio, que foi muito bom. Aí quando eu estava já há três anos eu comecei a ter outras questões éticas, que era já em relação ao segmento, à questão do petróleo e tudo o mais. E aí, quando eu recebi a proposta de uma outra promoção, que eu provavelmente iria ficar um tempo fora do país fazendo um aperfeiçoamento na empresa no exterior, na matriz, aí bateu a crise mesmo, de eu ficar uns dias sem dormir pensando: “Mas é isso que eu quero? Mas aí eu vou pra lá e aí volto num cargo melhor? Que bacana.” em teoria, mas ao mesmo tempo em nenhum momento eu sentia felicidade quando eu pensava nessa situação. Aí eu pedi demissão, com 29 anos.

P1 – E aí você ficou fazendo o que? Ficou um tempo desempregada?

R – Por sorte o meu chefe era muito amigo e, quando eu pedi demissão, ele tentou me dissuadir bastante, mas quando ele viu que eu não ia mudar de ideia, ele falou: “Então eu vou te demitir pra você pelo menos ter os seus direitos, porque aí você tem um grana pra passar um tempo.” Foi um presente de pai, porque esse dinheiro me sustentou durante mais de um ano, durante um ano e meio. E foi o que me permitiu que eu me lançasse em outras coisas. Então eu trabalhei um pouco com produção cultural, experimentei trabalhar com produção cultural, produzi alguns projetos de alguns amigos, de teatro, de uma amiga que tinha uma banda. Percebi que também não era muito a minha pegada porque, apesar de eu adorar cultura e achar que é uma coisa realmente muito fundamental pra formação, você tem que lidar com uma série de questões, tem que lidar com o ego de artista, você tem que lidar com umas coisas que não eram muito fáceis pra mim. Aí uma amiga me procurou, a gente começou a conversar sobre o que a gente podia fazer junto. Ela trabalhava com tecnologia e a gente montou uma empresa pra trabalhar com tecnologia pro terceiro setor. É uma coisa bem específica, é um programa de relacionamento pra facilitar que as ongs façam captação e façam a gestão das suas parcerias. E aí a gente começou a trabalhar com isso. Foi bem legal, a empresa chamava Alô Brasil, e a gente ficou trabalhando com isso de final de 2009, comecinho de 2010 ali. Eu fiquei até 2011. Aí em 2011 eu saí, vendi minha parte pra minha amiga e mudei pra São Paulo porque eu percebi que eu não queria trabalhar também no intermediário. Apesar de eu estar superfeliz trabalhando no terceiro setor, com essas organizações, e de eu perceber o impacto do meu trabalho, o impacto social que teria em cada uma das ongs, eu queria trabalhar numa delas, eu não queria trabalhar num lugar intermediário. E aí foi assim que eu vim pra São Paulo.

P1 – Tinha mais oportunidade aqui, você achou?

R – Sim, tem mais oportunidade aqui. Aqui tem um mercado mais estruturado e também tinha uma paixão no meio.

P1 – É?

R – É.

P1 – Quem que era? Como é que foi isso aí?

R – Num carnaval, carnaval de 2011 eu já estava pensando em mudar pra São Paulo, já era um ideia, já estava pensando, assim. Mas aí eu conheci um rapaz, que é amigo de alguns amigos, a gente se envolveu no carnaval, foi uma dessas paixões arrebatadoras, assim, os dois realmente se jogaram. E aí eu decidi, falei: “Acho que isso é um sinal. Vou pra São Paulo.” Muito louca, né, mas não me arrependo também. Aí eu vim... o carnaval foi em fevereiro e quando foi no final de março, comecinho de abril eu estava já aqui. E aí vim, mudei, mudei a vida toda, vendi a parte da empresa pra amiga, vim pra cá. Aí que eu comecei a trabalhar... inicialmente eu peguei o primeiro trabalho que apareceu, que foi uma indicação na área de comunicação do consulado britânico, um cargo temporário, fiquei lá um tempo. E aí depois um fui trabalhar em organizações aqui em São Paulo.

P1 – Você já conhecia a cidade já?

R – Tinha vindo uma vez a trabalho, mas não conhecia profundamente, não tinha passeado muito.

P1 – O que você achou daqui?

R – Olha, o primeiro ano foi muito difícil, muito difícil. Eu falo que São Paulo me mastigou sem saliva no primeiro ano. Primeiro porque o relacionamento não deu certo, então isso por si só já foi um baque. E depois porque realmente eu tive que me adaptar a toda a cultura social de São Paulo, que é bem diferente da do Rio e bem diferente da de Belém. Então aqui em São Paulo, apesar de hoje em dia eu entendo que tem coisas que são melhores, não vou dizer melhores, mas tem coisas que são muito boas, no começo é muito difícil você entrar nos grupos sociais, as pessoas se conhecem desde o pré-colégio, tem aquelas amigadas de vinte anos. Então você chega nova, socialmente num bar ou numa festa e todo mundo conversa com você, mas, por exemplo, ninguém te convida pra ir na casa. Isso é uma coisa que pra mim era muito chocante. E eu acho que eu chocava as pessoas também porque eu convidava elas pra virem na minha casa. Então no começo eu fui mais amiga de quem era de fora de São Paulo, porque a gente também compartilhava um pouco desse estranhamento. E eu senti muita falta também de natureza, né. A gente está aqui em um lugar que é exceção em São Paulo, que tem esse verde, que tem horizonte, céu. Eu morava no Rio a três quadras da praia, corria na praia praticamente todo dia e aí vim pra cá e não tinha, apesar de eu morar em Pinheiros quando eu cheguei, que é um bairro mais arborizado, tem mais casinhas, então é um pouco mais tranquilo. Mas apesar disso era muito concreto e muita gente, né, tem muita gente em São Paulo. Eu lembro que a primeira vez que eu entrei no metrô no horário de pico eu fiquei bem assustada e me peguei questionando: “O que você veio fazer aqui, garota?” (risos)

P1 – Mas aí, com o tempo, o que aconteceu aqui?

R – Com o tempo eu acho que o trabalho ganhou uma importância muito grande, eu fui encontrando oportunidades que eu só encontraria aqui. E eu comecei a fazer amigos, né, aprendi as regras de etiqueta, aprendi que você tem que marcar. Você tem que marcar, você não pode aparecer na casa da pessoa assim: “Como assim?” então você tem que marcar: “Vamos nos ver terça-feira que vem?” “Vamos.” “Que horas?” “Ah, então está bom” “Pronto.” E assim funciona. Hoje em dia eu já sou assim, engraçado como você se habitua. E eu acho melhor, então quando alguém aparece ou me liga: “Posso passar aí?” Eu fico meio assim: “Como assim? Que invasivo.” (risos) Mas acho que foi isso, foi meio que aprender a etiqueta, aprender a navegar esses códigos. Aí eu consegui me integrar, hoje em dia eu tenho muitos amigos, tenho amigos muito queridos. E percebi que, de certa forma, e os cariocas que me perdoem, as amigadas aqui elas são mais sólidas depois que elas se formam de fato. É mais difícil você conseguir iniciar esse vínculo, mas uma vez que você inicie é um vínculo bastante forte. E aí quando eu estava começando a me acostumar com tudo isso e fazer amigos e, enfim, ficar mais tranquila na cidade, eu descobri que eu estava com câncer, que foi em 2012, no ano seguinte em que eu cheguei aqui. Aí eu pensei: “Será que eu vou embora? Será que eu fico?” Porque como é que faz essa coisa de tratamento? Não tem família em São Paulo, tem poucos amigos, como é que vai ser essa estrutura? Mas aí, enfim, eu conversei muito com a minha mãe, com a minha família e a gente chegou à conclusão de que eu estava no melhor lugar do país pra ser tratada, que tem os melhores hospitais, os melhores médicos. Então fiquei e aí em 2012 foi o meu ano do câncer, que também foi o ano, de certa forma, da virada pra mim.

P1 – É?

R – É.

P1 – Onde foi o câncer?

R – Câncer de mama, na mama esquerda, bem acima do coração. Foi coração partido, eu costumo brincar (risos).

P1 – Mas como é que foi esse tratamento?

R – Eu fiz quimioterapia, fiquei careca, obviamente, toda aquela questão estética que acompanha as questões de saúde, psicológicas e emocionais. Depois fiz radioterapia. É, fiz a quimio, fiz uma cirurgia em que eu retirei a mama, hoje em dia eu tenho uma prótese de silicone no lugar, e depois fiz radio terapia. Foi muito bom ter ficado em São Paulo pra fazer isso porque foi um momento em que a cidade, depois de me mastigar, que eu cheguei bem... me comeu viva, ela me abraçou. Então eu descobri que os amigos que eu tinha aqui eles já eram mais amigos do que eu imaginava, então se aproximaram muito, eu fui muito cuidada. E também todas as questões da saúde, os hospitais, os médicos, todos os serviços a que eu tive que recorrer durante o tratamento foram muito bons, eu me senti muito bem atendida. Pra além disso eu não trabalhava, nesse momento eu fiquei sem trabalhar. Então eu fiz... eu fazia muitas coisas de cultura, eu ia... eu fiz muitos cursos, eu fiz curso no MIS, no SESC, tudo o que é curso de extensão, de cultura que me interessava eu ia fazer. E São Paulo é uma cidade que te oferece isso, né, então eu ia em exposições, eu ia em tudo que era canto. E muita gente achava que eu era careca de estilo e não porque eu estava doente, acho que por essa disposição de estar saindo sempre, de estar fazendo as coisas. Foi um ano em que eu aprendi a gostar muito de São Paulo, gostar mais de São Paulo.

P1 – E aí você venceu isso no fim de 2012, foi isso?

R – Final de 2012. Aí no final de 2012, quando eu terminei o tratamento eu comecei a trabalhar... eu voltei pra ideia de que eu queria realmente estar no terceiro setor e em uma organização, aí eu fui trabalhar numa organização que trabalha com defesa de aves, uma organização ambiental, que é uma organização linda, chama SAVE Brasil. E descobri que as aves são os maiores indicadores de biodiversidade que existem e que são seres incríveis, complexos, maravilhosos. Não deu certo ficar lá por conta de um projeto que foi cancelado e aí, lá pro começo, pra março de 2013 eu me vi sem emprego. Já tinha terminado o tratamento, tava bem de saúde, mas fiquei sem emprego. E aí eu parei e pensei, falei: “Nossa, acho que agora eu quero trabalhar com saúde.” Porque foi uma das coisas que eu estudei muito durante o meu tratamento, o que é realmente a

saúde, como que a gente... como que a alimentação influencia, como que a atividade física influencia, como que a minha alimentação e o fato de eu não fazer muita atividade física até a idade em que eu tive o câncer, influenciaram pra que eu tivesse o câncer. Foram coisas que me intrigaram e sobre as quais eu estudei bastante durante o meu tratamento. Aí eu falei: “Beleza, eu vou trabalhar com saúde.” Aí comecei a procurar oportunidades nessa área. E não apareceram muitas, mas em uma semana apareceu uma entrevista que foi pra Rede Esporte pela Mudança Social, que é onde eu trabalho hoje, e uma outra entrevista, que apareceu logo depois, pra ABRALE, que é Associação Brasileira de Leucemia e Câncer de Sangue. Eu fiz as duas entrevistas, fui bem nas duas, as duas me chamaram. Naquele momento eu pensei: “Ah, eu queria saúde, saúde é a ABRALE.” Aí depois eu fiquei refletindo, eu falei: “Não, ABRALE é a doença, que é o câncer.” É claro, é um paliativo, é importante, dá acesso à informação pra essas pessoas que estão passando pelo processo, mas a saúde é o esporte: “Se eu quero trabalhar com saúde eu vou pro esporte.” E foi por isso que eu vim parar... comecei a trabalhar com esse tema, que era um tema totalmente estrangeiro pra mim porque eu nunca fiz esporte quando era criança, fiz muito pouco depois de mais velha. Fiz quando eu tava no Rio, uma época em que eu comecei a correr na praia, foi uma coisa que eu gostei muito de fazer, que mudou muitas coisas não só no meu corpo como na minha cabeça. Mas eu nunca tinha imaginado que eu viria a trabalhar com esse tema um dia e de um jeito tão engajado, tão sincero.

P1 – Entendi. Como é que funciona a REMS e qual é o objetivo dela?

R – A Rede Esporte pela Mudança Social ela integra, hoje em dia, 61 organizações, organizações que trabalham com o esporte para o desenvolvimento humano, não necessariamente organizações que fazem atendimento somente. Tem organizações que trabalham com pesquisa sobre isso, tem organizações que trabalham com esporte com outros temas transversais como o empoderamento feminino, inclusão social, as questões de gênero, as questões raciais, com um público bastante amplo. Então tem organizações que trabalham com crianças, outras até com terceira idade. A Rede ela existe desde 2007 e ela existe, em primeiro lugar, pra fomentar a troca de conhecimento entre essas organizações, né, que acaba fortalecendo muito elas institucionalmente porque você tem desde organizações muito grandes, como o instituto da Ana Mozer, que é o Instituto de Esporte e Educação, que faz caravanas pelo Brasil todo, chega a formar mais de 30 mil professores por ano e atende muita gente. Até organizações pequenininhas como, sei lá, tem o Projeto Vida Corrida no Capão Redondo aqui em São Paulo, que agora atende 150 crianças e mais um cento e tantos adultos. Então um aprende muito com a outra, eu costumo brincar que eu trabalho com esses 61 heróis, que são... cada história é mais bonita que a outra. Então eu acho que esse é o principal papel da rede, que é fomentar essa comunicação e essa troca entre as organizações. As pequenas ganham mais gestão, mais profissionalização com as grandes. As grandes ganham mais coração com as pequenas. E a rede junta consegue, e aí é o nosso segundo principal trabalho, que é o trabalho de influência de políticas públicas, a gente tem trabalhado cada vez mais forte nisso pra melhorar as políticas públicas no país que são relativas ao esporte. Então, hoje em dia esse é o meu principal trabalho, inclusive dentro da rede.

P1 – E como é que vocês fazem essa pressão pro governo?

R – A gente atua diretamente junto ao Ministério do Esporte, junto às comissões da Câmara e do Senado, fazendo representação política, fazendo... eu vou dar um exemplo pra tangibilizar: uma das nossas bandeiras, nesse momento, é a melhoria da Lei de Incentivo ao Esporte, que é o principal instrumento no país que permite o acesso à prática esportiva, especialmente pras organizações que trabalham com isso, que tem muita dificuldade de se financiar. Isso é um problema do terceiro setor, como um todo é muito difícil e dentro do esporte eu acho que é até um pouquinho mais. Então a gente tenta melhorar essa lei que já existe pra que ela venha a atender mais e melhor as organizações. Mas como que a gente faz isso? A gente, há dois anos, contratou um escritório de advocacia pra que eles fizessem uma análise da lei, vissem todos os pontos junto com as organizações, junto com os gestores das organizações que são quem trabalha no dia a dia, realmente, com a lei e ver o que que a gente pode melhorar, sugerir uma redação nova pra esses pontos. E a gente fez um documento que tem mais de 60 pontos, a gente entregou isso pro Ministério e vem, desde então, sistematicamente conversando com o Ministério sobre esses pontos e quando que a gente consegue melhorar, o que que a gente consegue fazer via portaria, o que é necessário um decreto. Porque aí você tem várias instâncias de decisão, né, tem coisas que o Ministério consegue decidir administrativamente, dentro do Ministério, e tem coisas que você vai depender do Ministro, da Presidente, e assim vai. A lei acabou de ser renovada agora, agora mesmo, foi publicado hoje a prorrogação da lei até 2022. Isso foi uma super vitória porque a lei ia vencer agora em dezembro, mas a nossa briga continua pra que ela venha a se tornar por prazo indeterminado. E agora a gente tem uma próxima reunião com o Ministério pra falar: “Bem, ajudamos, colaboramos com a campanha de renovação da lei, entedemos que foi super importante, mas agora vamos melhorar o instrumento.” E a gente já tem uma sinalização deles de que até o fim do ano sai uma portaria contemplando vários desses pontos que a gente vem trabalhando há dois anos. Então isso é pra ilustrar como o trabalho, o processo acontece. Não necessariamente é assim com todos os pontos, por exemplo, nosso trabalho no Sistema Nacional do Esporte, que tá sendo desenhado agora por um grupo grande que inclui três ministérios. Ele é diferente, ele é mais consultivo, quem nos representa lá, inclusive, é o PRODHE, é a Paula Korsakas. Mas é um trabalho que é muito caso a caso, mas é muito de formiguinha, de relacionamento, de assistência, de mobilizar os membros, de usar os meios de comunicação que a gente pode, de distribuir conteúdo pra falar desses assuntos. Na Lei de Incentivo ao Esporte, por exemplo, tem muita gente que não sabe, não conhece, não sabe que existe. Então a gente deu muita entrevista, eu pessoalmente dei muita entrevista, falei muito sobre esse tema pra que as pessoas entendam que, primeiro, existe, segundo, não pode acabar e terceiro, tem que ser melhorado.

P1 – E o PRODHE, como é que você conheceu ele?

R – O PRODHE... eu entrei na Rede como articuladora em maio de 2013 e a gente teve, logo em seguida, um encontro de todos os membros. Na ocasião eu lembro da Paula, que foi uma das pessoas que mais me marcou. Eu já tinha ouvido falar dela, eu lembro que em algumas reuniões antes, na preparação desse encontro, algumas pessoas falavam: “Não, isso daqui tem que ver com a Paula. A Paula pode fazer. A Paula... a Paula... a Paula...” e eu ficava: “Gente, será que é a Magic Paula?” Porque também tem o Instituto da Magic Paula: “Não, a Magic Paula não deve estar tão envolvida assim.” E aí eventualmente eu perguntei e disseram: “Não, a Paula Korsakas do PRODHE, você vai conhecer.” Aí eu conheci no encontro, ela que tem um jeito muito assertivo e uma pessoa de muito conteúdo, então desde o começo o PRODHE foi pra mim uma grande referência de conteúdo da Rede. Hoje em dia isso não mudou, na verdade, aprofundou, eu entendo que tem muitas outras organizações que também tem conteúdo, algumas com conteúdos bem específicos. O PRODHE, por exemplo, não trabalha com lei de incentivo e tem um

número de atendimentos que é menor, então, dependendo da escala que a gente esteja falando, tem outra organização com quem a gente pode conversar. Mas em termos de conteúdo, de embasamento acadêmico, do esporte como fator de desenvolvimento humano, que é o grande conceito que reúne todas essas organizações, eu diria que o PRODHE é um dos principais protagonistas em estar pensando essas questões, em estar questionando tudo isso. Hoje em dia eles fazem parte do Conselho da Rede onde eles dão uma contribuição fundamental que é, assim, sempre o questionamento: “Mas por que estamos fazendo isso? Pra onde queremos ir com isso?” Então eu brinco que muitas vezes eles puxam um pouco o leme, assim como as outras organizações que também participam do conselho também puxam, só que são outras questões, outros direcionamentos. E de fato eles são... eles colaboram com muitas organizações, eles sempre trazem muito conteúdo pra gente, então, distribuindo artigos, os apartes da Paula. A Paula, agora que está dentro desse grupo do Sistema Nacional do Esporte, é ela que tem feito essa interface com a Rede, de trazer pra Rede, provocar a Rede, de falar: “Olha, gente, tá rolando essa discussão. O que vocês acham? Como que a gente pode atuar?” E, ao mesmo tempo, percebo neles uma postura muito humilde. Apesar de serem... eu diria, pelo conhecimento que eu tenho, os grandes especialistas em esporte para o desenvolvimento humano no país, tem uma postura muito humilde de falar: “Olha, isso aqui a gente não entende. A gente precisa da ajuda dos membros da Rede.” E de chegar e pedir ajuda, falar: “Gente, vamos olhar essa questão porque a gente precisa representar vocês da melhor forma possível lá dentro do grupo, lá junto ao ministério.” Até pra que esse sistema, esse grande monstro do bem, que é o Sistema Nacional do Esporte saia da melhor forma possível e consiga, realmente, beneficiar as organizações que fazem esse trabalho na ponta. Então eu vejo eles muito como essa fonte de conteúdo, mas nunca de uma forma impositiva, sempre de uma forma muito preocupada com garantir a característica da Rede, de que seja realmente uma troca, de que seja uma rede. Enfim, assim que eu vejo.

P1 – Você sabe desde quando o PRODHE faz parte da REMS?

R – Eu acredito que faz parte logo depois da fundação. A Rede foi fundada em 2007, se não me engano o PRODHE entrou logo nos dois anos seguintes.

P1 – E o que é exatamente o Sistema Nacional do Esporte e como exatamente... quem tá lá? Você falou que a Paula tá lá no meio.

R – Tá.

P1 – O que o PRODHE está fazendo por isso?

R – A Paula está lá representando a REMS, então o PRODHE representa a Rede do Esporte pela Mudança Social lá. Além do PRODHE a gente tem outras organizações da Rede que também estão lá. Então está o Atletas pelo Brasil, tá o Instituto Rumo Náutico, que é do Lars Graell e quem mais? Acho que só essas duas, talvez eu esteja esquecendo alguma. Esse grupo é um grupo interdisciplinar que tem pessoas também do Ministério da Saúde, do Ministério da Educação, tem muitas pessoas do Ministério do Esporte, tem pessoas de confederações, tem outros atletas. Então tenta ter uma visão bastante múltipla do que que é o fenômeno esportivo. O que a gente acredita é muito mais... a gente tenta puxar o peixe, né, pro lado do esporte educacional e pro lado do esporte pro desenvolvimento humano, acesso à prática esportiva como um direito pra população, mas é claro que também existe todo o esporte que é o esporte de rendimento, de performance, que é o esporte que tem mais visibilidade, que traz medalhas, o futebol, o grande emblema cultural e esportivo desse país. Então o Sistema Nacional tem a intenção de desenhar qual vai ser o papel de cada um desses atores dentro de um sistema que funcione conversando, entendeu? E que funcione a nível federal. Então, é determinar basicamente quem tem responsabilidade, quem financia, como podem ser financiados uma ong, uma confederação e quem tem a responsabilidade sobre elas. Coisas como o mandato de presidente de confederação, que hoje em dia é uma coisa que é solta ainda. Apesar da gente ter trabalhado junto com o Atletas pelo Brasil em 2013 na aprovação de uma medida provisória que começou a regulamentar isso, você ainda tem uma adesão que é voluntária, as confederações podem mudar seu estatuto ou não. Então, existe dentro do esporte de rendimento um cenário em que algumas confederações tem presidentes que já estão há trinta anos. Isso traz toda uma outra problemática de clientelismo, de nepotismo, das coisas que são comuns à nossa cultura política ainda. Então o Sistema ele vem um pouco pra dar uma organizada nisso e nós esperamos, é nossa grande batalha lá dentro, pra garantir esse apoio à base, a quem faz o trabalho na ponta e o acesso à prática esportiva pela população, que é uma coisa que a gente se preocupa bastante porque a maioria das pessoas nem sabe que tem direito, que o esporte é um direito assegurado. E é. Então a gente quer muito que o sistema ele olhe por esse lado. Eu não consigo te explicar exatamente porque a gente ia precisar de umas três horas pra eu te explicar isso, é muito grande. Mas ele, basicamente, vai dividindo todas as responsabilidades municipais, estaduais, federais. E, dentro desse escopo, todas os tipos de entidades esportivas, que são muito variados, né, as federações, as confederações, as ongs, as organizações não governamentais que trabalham com isso, os clubes. Então, qual o papel de cada um e a quem cada um responde; e como funciona cada um, em resumo.

P1 – Entendi. É uma coisa enorme então.

R – É uma coisa enorme, por isso que eu falo que é o monstro do bem. É muito grande e eu fico muito feliz que a gente tenha cabeças como a da Paula, como a da Ana Moser, como a Daniela Castro, que é diretora da Atletas pelo Brasil, que estão lá pensando nisso e ajudando a puxar um pouquinho a nossa visão, né, a visão do esporte educacional. Porque a gente sabe que o esporte de rendimento ele tem uma força maior pelo fato de ele ser mais comercial, dele ter mais visibilidade. Então a gente sempre fica numa coisa meio Davi e Goliás ali (risos).

P1 – E tá na fase de redação ainda?

R – Tá, tá na fase de redação. A intenção do Ministério do Esporte é enviar pro Congresso pra fazer a primeira leitura, a análise, começar a passar pelas comissões até setembro. Eu espero que isso se concretize, mas pode ser que não porque é um prazo ambicioso, audacioso, porque é uma discussão muito complexa que envolve desde os atletas até os professores de educação física e a necessidade ou não de você ter professores de educação física dentro do Sistema Educacional, que é uma das discussões, por exemplo, se somente professor de educação física pode dar aula. Isso restringe, pruma cidade de 5 mil pessoas que não tem, como é que vai fazer lá? Então tem... as discussões elas são muito

esmiuçadas em vários níveis, mas a gente espera que eles consigam, até o final do ano, estar com este texto pronto e mandar ele pra análise do Congresso.

P1 – Entendi. E agora, o que você acha que vai ser o futuro entre o REMS e o PRODHE? Como você vê essa relação?

R – Ah, eu espero que a gente continue muito próximos, como somos. O PRODHE é realmente muito fundamental pra gente e a intenção da Rede é começar um trabalho mais aprofundado de pesquisas, por exemplo: a gente não tem um mapeamento no Brasil de qual é exatamente o universo das organizações não governamentais que trabalham com o esporte. A gente tem algumas estimativas, mas não existe uma pesquisa que realmente tenha feito esse mapeamento. E isso pra nós é muito importante porque a gente precisa saber qual é o nosso público potencial, quantas pessoas são que nós estamos falando, né, quem a gente está defendendo. E a gente precisa conversar, chegar nesses lugares, chegar nessas pessoas que estão trabalhando com esporte, especialmente no norte e no nordeste, que são sempre desafios. A gente tem uma questão de divisão de rendas, divisão de acesso a recursos e o PRODHE tem muito esse olhar, e certamente vai ser uma das principais organizações que vai ajudar a gente nesse próximo momento da Rede, de trabalhar com essa pesquisa e se tornar, definitivamente, a grande referência em termos de instituição dentro da área do esporte pelo desenvolvimento humano, que é a visão que a gente tem pra Rede, da qual o PRODHE compartilha.

P1 – Eu queria voltar agora pra uma questão reflexiva. Pra você hoje, quais são seus planos pro futuro e qual é o seu sonho pessoal hoje?

R – Bem... nossa! O meu sonho pessoal hoje é ver... ai, gente, perai. Essa pergunta aí foi profunda. Tá. Os meus planos, deixa eu falar dos meus planos profissionais. Eu gosto muito de trabalhar na Rede, eu acho que eu nunca aprendi tanto e nunca trabalhei com pessoas que eu admirasse tanto, além do que, realmente estar na Rede, trabalhando com o sistema mudou a minha vida porque eu passei a fazer esporte. Depois do câncer, depois dos 35 anos então é um assunto muito querido pra mim hoje em dia, e eu quero poder ficar na Rede por, pelo menos, até após as Olimpíadas, pra poder concretizar muitos dos planos que a gente tem, essas pesquisas que a gente quer fazer. E sair desse lugar vendo a Rede muito visível e muito conhecida. Então, profissionalmente, eu diria que é esse o meu sonho, deixar a Rede mais forte e mais visível e reconhecida no país. O sonho... eu tenho vivido muito no presente, então neste momento os meus sonhos estão muito ligados a questões do trabalho, de ver esse reconhecimento acontecer, de ver... a gente realizou um pequeno sonho pra mim que foi essa coisa da lei de incentivo, tal, e agora eu quero ver essa lei melhorar, eu quero ver a Rede com 100 membros até o ano que vem. E eu... um sonho seria desenvolver mais projetos, com a Rede de preferência, mas talvez em alguma outra organização que seja ligada a esse tema, no norte e no nordeste do país, que é de onde eu venho e que são as regiões mais carentes. Isso é até uma coisa que eu compartilho bastante com o PRODHE, é uma coisa que a gente muito em comum, eu Louise enquanto pessoa, que é esse sonho de conseguir levar desenvolvimento pra essas regiões com os instrumentos que a gente tem aqui, especialmente com o esporte, com as práticas lúdicas, com as práticas de atividade física. Já existem lá muitas organizações, mas que são muito incipientes, então acho que ajudar nesse desenvolvimento seria o sonho.

P1 – Você disse que você voltou a fazer esporte, né.

R – Eu comecei, na verdade, eu comecei a correr no Rio. Aí eu vim pra São Paulo e parei. Aí, agora eu comecei de novo, no final do ano passado pra cá. Eu ando de bicicleta, eu estou correndo, vou correr uma maratona de revezamento dia 20 de setembro (risos), com a equipe do trabalho, inclusive, com o pessoal da REMS, entende? Eu acho que é um pouco aquela expressão em inglês, que apesar de não gostar muito de usar eu vou usar, que é o 'walk the talk'. Tipo, você tem que fazer o que você prega, você tem que ser um exemplo primeiro. E durante os meus primeiros meses na Rede eu sentia muito isso, eu falava muito de esporte mas eu não conseguia me aproximar totalmente do tema porque eu não fazia. E aí, conversando com a Paula, com a Daniela da Atletas, com todo mundo, as pessoas... por exemplo, a Paula joga basquete, ela vive contundida, mas ela joga bem. E aí eu falava: “Nossa, eu preciso começar a sentir essa transformação pra que eu possa falar com mais propriedade desses temas.” E foi uma coisa meio instrumental, no começo eu comecei a fazer pra poder... pra que isso influenciasse meu trabalho e depois eu comecei a fazer por gosto mesmo. Hoje em dia eu já sinto... eu sinto totalmente os benefícios, eu sento pra alguém pra falar: “Olha, primeira coisa, as crianças tem que fazer prática. Eu digo isso porque eu não fiz. É muito difícil você começar quando você é adulto. Eu posso falar isso com muita propriedade.” E quando eu falo que o esporte transforma vidas, eu posso falar isso cem por cento, porque realmente transforma. Eu mudei meu nível de concentração, minha capacidade de absorção de conhecimento, mudei minha postura, mudei meu jeito de falar, minha segurança mesmo, o sono, tudo. Muda tudo, enfim, é isso.

P1 – Você falou que tocava. Você toca em bloco de carnaval, é isso?

R – Eu toco em dois blocos.

P1 – Quais são? Aqui em São Paulo?

R – Na verdade eu toco em um e vou começar a tocar em dois a partir do ano que vem, que eu vou começar os ensaios agora. Um é aqui em São Paulo, que chama Ilú Obá de Min, é um bloco de música afro formado só por mulheres, então trabalha muito o empoderamento feminino, com foco principalmente na cultura negra. E o outro é a Orquestra Voadora que é lá no Rio, que um amigo toca, me convidou pra começar a tocar. Então esse ano eu vou ter que ir pro Rio algumas vezes pra ensaiar e vai ser meio uma loucura. No carnaval eu vou tocar aqui na sexta e no domingo. Viajo pro Rio e toco lá na terça.

P1 – Vai ser atribulado então esse carnaval.

R – Vai. Mas então, até isso eu acho que é uma coisa que veio bastante do esporte, viu? Porque eu não teria a energia e a disposição e essa... acho que a palavra é libido, eu não teria a libido pra me colocar nesse lugar. Assim como eu não teria o de ser a porta-voz da REMS, que é uma coisa que eu jamais estaria fazendo essa entrevista antes de ter realmente engajado, começado a praticar esporte. Estou me sentindo muito mais

segura pra fazer esse tipo de coisa.

P1 – Sei. A sua mãe, como é que ela está hoje?

R – Minha mãe tá em Belém, ela ficou lá. Está aposentada mas é aquele tipo de aposentado que não consegue largar o osso, então ela se aposentou e depois arrumou um outro trabalho, é aquela coisa. Ela gosta muito de trabalhar no que ela trabalha, isso também é um exemplo pra mim, então ela trabalha com hemoterapia, lidando com as questões das doenças de sangue. E é muito dedicada. Está bem, está bem de saúde e, por insistência minha, em parte, e por insistência do meu médico, em parte, está fazendo esporte também. Ela tá caminhando e correndo, segundo me disse, todo dia. Eu fico impressionada. (risos).

P1 – Louise, como é que foi contar pra gente a sua história hoje?

R – Ah, foi bom, eu fiquei bem a vontade, viu? Achei que eu ia ficar bem mais tensa, mas eu consegui. Espero que tenha sido bom, espero que eu não tenha falado muita abobrinha porque eu acho que eu fiquei a vontade até demais, então falei muita besteira.

P1 – Imagina.

R – Mas achei legal, achei confortável mesmo.

P1 – Tá certo, então,

P2 – Só uma curiosidade antes da gente terminar: que instrumento você toca?

R – Agogô.

P1 – Legal. Tá certo, então. O PRODHE e a gente agradece a você. Foi ótimo.

R – Tá bom, gente, obrigada. Adorei.